

Jornalismo e a cobertura da microssérie A Pedra do Reino

Arão de Azevêdo Souza*

Índice

1 O (dis)curso da cobertura cultural na mídia impressa	2
1.1 Jornal da Paraíba	2
1.2 Jornal Correio da Paraíba	3
1.3 Jornal O Norte	3
1.4 Jornal A União	4
1.5 Diário da Borborema	4
2 À quisa de uma conclusão	5
3 Referências	6

A nossa pesquisa surge a partir da exibição do primeiro capítulo da microssérie “A Pedra do Reino”, no dia 12 de junho de 2007, pela Rede Globo, quando dos comentários sobre a linguagem adotada pelo diretor Luiz Fernando Carvalho ao transpor o romance de Ariano Suassuna para a TV e os baixos índices de audiência. Em nosso recorte metodológico, optamos não por analisar a adaptação da obra e a sua narrativa para a TV, mas como a mídia impressa paraibana noticiou a

microssérie durante o período de 10 a 17 de junho, nos jornais A União, Diário da Borborema, Correio da Paraíba, Jornal da Paraíba e jornal O Norte. A Pedra do Reino foi exibida entre os dias 12 e 16 de junho.

A partir dos desenvolvimentos tecnológicos voltados para as comunicações, principalmente, na última metade do século XX, temos sido influenciados/influenciadores do que se convencionou chamar de Meios de Comunicação de Massa. E nesse processo, atualmente, a cultura popular assume cada vez mais espaços nas programações das emissoras de televisão, nos jornais impressos e nas revistas nacionais. Montiel (2003) destaca a importância dos meios de comunicação atuando entre “a diversidade cultural e a homogeneização, a qual tende à globalização”, o que levaria a um “universo simbólico padronizado”.

Atuando entre o processo que levaria a uma homogeneização e, conseqüentemente, a um universo simbólico padronizado, está o jornalismo, com o caráter de informar e de formar uma consciência crítica sobre as manobras das “indústrias culturais hegemônicas” (Montiel 2003) e do discurso político. Nesse sentido, a objetividade do jornalista, ao narrar os fatos, mostraria “o relato da re-

*Arão de Azevêdo Souza é aluno do Mestrado em Literatura e Interculturalidade da UEPB, professor do Curso de Jornalismo da UEPB e da FIP – Patos. Este trabalho foi apresentado durante o II Colóquio Internacional Cidadania Cultural, Campina Grande-PB, em 26 de outubro de 2007. Orientadora: Prof^a Dr^a Geralda Medeiros Nóbrega / MLI/UEPB.

alidade imaculado de opiniões ou sentimentos” (Correia 2005).

Para os pensadores da Escola de Frankfurt, a massificação e a padronização dos produtos culturais aliados ao tratamento dado a eles pelos meios de comunicação de massa, tende a levar o indivíduo a perda da memória social. Para Pellegrini (1999 p. 195), a existência do próprio indivíduo tornou-se problemática, pois ele não consegue mais vivenciar a própria liberdade de escolha; a produção padronizada dos bens culturais oferece praticamente os mesmos produtos a todo cidadão.

De acordo com Pereira (2002, p. 95), um dos grandes problemas da mídia é o seu próprio conteúdo. É importante lembrar que, não é só o conteúdo, mas a forma como esse conteúdo é tratado pelos agentes instituídos por ela, como os analistas políticos, os críticos em todas as suas esferas, e o jornalista, figura que faz a ponte entre o novo e o velho, entre o conhecido e o desconhecido.

1 O (dis)curso da cobertura cultural na mídia impressa

1.1 Jornal da Paraíba

Em nosso material coletado, a primeira notícia sobre A Pedra do Reino é veiculada no dia 10 de junho de 2007, caderno Vida e Arte do Jornal da Paraíba, pertencente às emissoras Paraíba e Cabo Branco, afiliadas da Rede Globo. Metade da capa do caderno é reservado para a matéria intitulada “A Pedra do Reino”. A reportagem destaca o aniversário de 80 anos do escritor Ariano Suassuna e a exibição da microssérie em cinco capítulos.

“Um mundo de fantasia foi erguido em Taperoá, no final de 2006. O mundo era a própria Taperoá, mas recriada na mente de Ariano Suassuna e, agora, reformatada pelo diretor Luiz Fernando Carvalho” (Jornal da Paraíba, 10 de junho de 2007, caderno Vida e Arte, p. 1)

A reportagem enfoca que as imagens que o espectador verá não serão as imagens da Taperoá conhecida por seus habitantes, mas “um mundo de fantasia” fruto da “mente” do escritor Ariano Suassuna e “reformatada” para a “adaptação”. O discurso entre o real e a ficção fica bem claro no discurso jornalístico.

Na página três do mesmo caderno, uma reportagem ocupando cerca de 80 por cento da página, intitulada “Taperoá: incubadora do universo de Ariano Suassuna”. A reportagem aborda o período das gravações da microssérie; enfoca a participação de dez paraibanos no elenco; o figurino; e destaca alguns personagens, além de trazer um resumo o “Romance D’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta” que deu origem a microssérie.

Na edição da terça-feira, dia 12, o Jornal da Paraíba, na página 2, exibe uma publicidade do governo do Estado, ocupando meia página. “A Pedra do Reino só podia mostrar a cultura paraibana em horário nobre”, destaca o texto principal. A publicidade destaca a obra de Ariano, a participação de artesãos do estado na confecção dos figurinos, e que uma parte de elenco principal é de atores paraibanos, além de focar o incentivo governo do Estado no projeto.

Na página três do Caderno Vida e Arte, da mesma edição, ocupando cerca de 40 por cento da página, uma reportagem destaca a

abertura de uma exposição no Rio de Janeiro com objetos utilizados durante as gravações da *microsérie*.

Na quarta-feira, dia 13, e após a exibição do primeiro capítulo da *microsérie*, o *Jornal da Paraíba* não publica nenhuma informação do primeiro capítulo da *microsérie*. Na página três do caderno *Vida e Arte*, é exibida uma reportagem intitulada “Artesãos paraibanos ajudaram a criar a série”, onde é destacada a criação dos figurinos e revela que a *microsérie* ganhou as principais páginas dos jornais e revistas de todo o país.

“Com dois papéis em *microsérie*, Mayana Neiva dá salto na carreira”. O título da reportagem do *Caderno Vida e Arte*, do dia 14 de junho, ocupando cerca de 40 por cento da página três, destaca a atriz paraibana e as duas personagens interpretadas por ela na *microsérie*. Ao lado dessa reportagem, quatro pequenos parágrafos esboçam uma leitura crítica da exibição do primeiro capítulo da *microsérie*, dois dias depois do seu início. O jornal opta claramente por focar a participação de uma paraibana na obra em detrimento de uma discussão sobre a adaptação do romance para a televisão. Até o domingo, o único espaço onde a *microsérie* será divulgada é na grade de programação destinada a todas as emissoras abertas, ora na página quatro, ora na página cinco do caderno *Vida e Arte*.

1.2 *Jornal Correio da Paraíba*

O *Caderno 2* do *Jornal Correio da Paraíba* publica na página C1 do dia 12 de junho de 2007, a reportagem “Professora lança livro nos eventos dos 80 anos do autor da *Compadecida*”. A reportagem aborda o livro, “*O sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna*”.

espaço regional, messianismo e canção”, mas em nenhum momento o texto se refere à exibição da *microsérie* na televisão. O registro dado pelo jornal está na grade de programação das TV’s abertas na página C5.

Na edição do dia 14 de junho, na página C4, o *Correio da Paraíba* publica a reportagem “Durante 1 hora e 17 minutos: Record bate Globo e *A Pedra do Reino* na guerra do Ibope”. “Os tempos não são mais os mesmos – nem a liderança absoluta da Globo no Ibope”, destaca a abertura da reportagem, que enfoca os altos índices alcançados por outras minisséries da Globo no mesmo horário, fato não obtido no capítulo de estréia da *microsérie*.

Já na sexta-feira, dia 15 de junho, o jornal traz um caderno especial sobre os “80 anos do maior escritor vivo da PB”, mas não é citada a exibição da *microsérie*.

1.3 *Jornal O Norte*

No *Caderno Show*, página C3, do dia 12 de junho, o jornal *O Norte* publica uma reportagem sobre o lançamento do livro, “*O sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna: espaço regional, messianismo e canção*”, da escritora Sônia Lúcia Ramalho de Farias, mas nenhuma menção a respeito da *microsérie A Pedra do Reino* é feita. Assim como nas edições dos dias 12 a 17, na grade de programação das TV’s abertas, página C4, é registrada a exibição de *A Pedra do Reino*.

“O nobre senhor das letras”, assim é estampada a reportagem de capa do *Caderno Show* do dia 14 de junho, numa alusão ao documentário “*O Senhor do Castelo*” de Marcus Vilar e Durval Leal Filho. Mas uma vez, nenhuma citação sobre a *microsérie*.

Na edição do dia 15 de junho, na página A5, uma publicidade de página inteira convidava para o aniversário dos “80 anos Ariano” pela prefeitura municipal de João Pessoa. No Caderno Show, a reportagem de lançamento do livro da escritora Sônia Lúcia Ramalho de Farias, já citado acima. Nenhuma menção à microssérie mais uma vez é feita.

1.4 Jornal A União

Na sexta-feira, dia 15 de junho, passados quatro dias do início da microssérie, o jornal A União, na página 21, publica reportagem de página inteira sobre o lançamento do livro “O sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna: espaço regional, messianismo e cangaço”, da escritora Sônia Lúcia Ramalho de Farias, mas não cita a exibição da microssérie.

Na edição válida para os dias 16 e 17 de junho de 2007, A União publica, na página 22 a reportagem “Taperoá também faz homenagem a Ariano”, onde aborda uma programação cultural feita pela cidade para o escritor Ariano Suassuna, e destaca, de forma superficial, a gravação e a exibição da microssérie. Na mesma página, é publicado o texto do jornalista Linaldo Guedes intitulado: “Tinha uma pedra no meio do reino”.

“O que é aquilo que está passando na televisão? A Pedra do Reino, monumental romance de Ariano Suassuna? Ou a Pedra do Reino, monumental alegoria de Luiz Fernando Carvalho? Aqui só cabe uma alternativa correta: a segunda. [...] A Taperoá de Ariano Suassuna não é aquela mostrada na telinha da Globo.” (A União, 16 e 17 de junho de 2007, p. 22)

O jornalista confunde o leitor ao não analisar a microssérie isolada do seu texto. A

adaptação foi feita por uma entrada do texto inicial, que poderia ter sido outra. A obra de ficção escrita por Ariano, também não é na Taperoá dos seus moradores, assim como a adaptação feita não será na mesma Taperoá. Também não teria a obrigação de ser. Na análise do texto ficcional, o colunista esquece que a ficção não tem obrigação de recriar o real.

1.5 Diário da Borborema

Assim como na edição do dia 12 de junho do Jornal da Paraíba, na página 2, o Diário da Borborema publica na página A4 uma publicidade do governo do Estado, ocupando meia página. “A Pedra do Reino só podia mostrar a cultura paraibana em horário nobre”, enfoca o texto principal. A publicidade destaca a obra de Ariano, a participação de artesãos do estado na confecção dos figurinos, e que uma parte de elenco principal é de atores paraibanos, além de focar o incentivo governo do Estado no projeto.

Na edição do dia 13, na capa do Caderno C, o jornal exibe uma reportagem sobre um projeto de educação através da música, tendo como base o Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna, da década de 1970. Nenhuma alusão à microssérie é feita. Durante toda a semana, o jornal exibiu na grande de programação das TV’s abertas o horário de exibição da microssérie.

Na página A5 do dia 14 de junho, o colunista de política, Giovanni Meireles dá um destaque todo especial à exibição da microssérie: “Vi muito e gostei pouco”, intitulou sua coluna. “Primeiro capítulo da minissérie A Pedra do Reino revelou-se confuso para o público e faltou agradecer ao apoio governamental”, disse.

História é contada num lugar fantasma. Taperoá retrata de maneira fantástica na megraprodução global de TV, não fica na Paraíba. Ninguém diz isso, na telinha, mas eu declaro com todas as letras, aqui: a cidade da minissérie fica em qualquer lugar do mundo surreal criado pelo gênio literário de Ariano Suassuna, menos em nosso Estado. Ninguém é capaz de vislumbrar na maquiagem feita nas ruas enfeitadas só para as filmagens, um local que lembre as paisagens paraibanas (DIÁRIO DA BORBOREMA, 14 de junho de 2007, p. A5).

O discurso do jornalista confunde produção literária com o discurso jornalístico, influenciando o olhar do leitor para a apreciação de uma obra literária.

Roteiro estereotipa figura do nordestino. Muitas palmas e nota dez, mil, para artesãos, costureiras, marceneiros e pedreiros de Taperoá. A cidade cenográfica construída para as gravações de *A Pedra do Reino* fincou marcas, lá. É a melhor parte do roteiro, que estereotipa o homem nordestino com sendo um bruto, às vezes, e um misto de palhaço-ingênuo, noutros casos. Há duas tristes figuras na encenação. Só se salvam as mulheres, na crua beleza agreste de Mayana Neiva (MEIRELES, 2007, p. A5).

O folclore, a arquitetura, o artesanato, entre outros elementos da cultura popular paraibanas não são vistos na minissérie como fonte de divulgação da cultura nordestina pela TV. Para Montiel (2003, p. 18), a cultura é uma elaboração comunitária mediante a qual os indivíduos se reconhecem, se auto-representam e assimilam significações comuns ao mundo que os rodeia. Essa contribuição foi prestada pela televisão ao exibir, não só a cultura dos estados hegemônicos, mas abrir espaço para as culturas locais.

Investimento bem melhor em novela. Neste particular, muito mais retorno em termos de divulgação turística obteve o governador Cássio Cunha Lima (PSDB), ao apostar no sucesso da dupla romântica vivida por Marcos Palmeiras e Lavínia Vlasak, na novela *Celebridade*. Ali, sim, foram mostradas praias, belezas reais, destinos turísticos verdadeiros, atualizados nas agências de viagem. Taperoá da minissérie não pousa nem avião.

A diversidade da cultura popular nordestina é confundida quando trabalhada na ficção pelo jornalista. A novela, que também é uma obra de ficção, é vista como real, mostrando as “belezas reais”. A cidade de Taperoá é desmerecida pelo fato de não ter um aeroporto, por menor que seja. O discurso jornalístico tem um afã mais político do que cultural.

2 À quisa de uma conclusão

De acordo com Pereira (199?, p. 14), um jornalismo que não faz da informação sua principal mercadoria é falso. Um editor de segundo caderno que não conhece as diferenças entre prestação de serviço e informação cultural também é falso. De certa forma, esse é tema geral da cobertura dada pela mídia impressa paraibana à minissérie *A Pedra do Reino*.

Dos jornais analisados, o que mais divulgou a minissérie foi o *Jornal da Paraíba*. Digo, divulgou. Para Montiel (2003) ter acesso à informação não significa participar da sociedade da informação, “o acesso a ela não é sinônimo de conhecimento, é somente um primeiro passo” (p. 31). É preciso que essa informação seja interpretada pelo indivíduo e transformada em conhecimento e,

nessa ponte, o jornalismo tem importância fundamental.

A compreensão e conhecimento prático poderiam favorecer e facilitar a busca de soluções pacíficas aos conflitos gerados pela globalização, assim como o impacto da tecnologia da informação sobre as identidades locais (MONTIEL, 2003, p. 32).

A figura do escritor Ariano Suassuna teve destaque importantíssimo durante a semana em que a microssérie esteve no ar, mas, só no jornal da Paraíba a relação Ariano e microssérie era feita. Nos outros jornais, duas situações ocorreram: a primeira, quando o assunto tratava dos baixos índices de audiência da microssérie em relação à programação da TV afiliada ao jornal em questão; a segunda, durante os textos opinativos dos jornalistas colunistas.

Apesar de, na maioria dos casos, a mídia impressa paraibana não fazer relação dos seus conteúdos com a microssérie, ela contribuiu para a divulgação da cultura popular nordestina ao focar a obra de Ariano Suassuna. Ela contribuiu na divulgação, direta ou indiretamente da microssérie.

Um caso em particular nos chamou a atenção. Diferente dos jornais Diário da Borborema, Jornal da Paraíba, Correio da Paraíba e O Norte, o jornal A União (estatal) poderia ter feito uma cobertura isenta, sem prejuízos ou relações político-mercado-lógicas da microssérie. Fato que não aconteceu.

É importante observar, que o papel do jornalista nesse processo de interpretação dos produtos midiáticos é importantíssimo e que a sua função vai mais além do que noticiar os fatos sociais de uma sociedade.

A função dos pensadores do mundo contemporâneo é dirimir angústias e ansiedades

causadas pelo totalitarismo das linguagens construídas ou forjadas, nos meios de comunicação de massa, por blasfemadores que manipulam palavras para dominar as minorias sociais, sem uma interpretação dos fatos. (PEREIRA, 2002, p. 88)

Para Pereira (199-), além da função dos pensadores contemporâneos (jornalistas, nesse caso), o leitor também deve ter um olhar crítico, e exigir que as reportagens culturais sirvam para ampliar o seu repertório cultural.

3 Referências

- CORREIA, João Carlos. *Sociedade e comunicação: estudos sobre jornalismo e identidades*. Universidade da Beira Interior, Portugal. Covilhã, 2005.
- MONTIEL, Edgar. *A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização*. In: *Alteridade e multiculturalismo / Antônio Sidekum (org)*. Ijuí: ed. Unijuí, 2003.
- PEREIRA, Wellington. *O beijo da noiva mecânica: ensaios sobre mídia e cotidiano*. Manufatura: João Pessoa, 2002.
- PEREIRA, Wellington in: *As faces do jornalismo cultural*. In: *A razão efêmera: jornalismo em sala de aula*. João Pessoa: Idéia, [199-], p. 12-14.
- PEREIRA, Wellington in: *O que fazer com os cadernos B*. In: *A razão efêmera: jornalismo em sala de aula*. João Pessoa: Idéia, [199-], p. 17-19.

PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.